

AS ELITES TÊM MEDO

Luiz Carlos Bresser Pereira

Yoshiaki Nakano

Abstract: As elites têm medo da estabilização. Empresários, líderes sindicais, políticos, altos burocratas desejam o controle da inflação. Sabem que a inflação é a causa direta mais importante da crise brasileira. Intuem que os custos da estabilização são menores do que os custos de continuar a empurrar com a barriga uma crise que condena o Brasil à estagnação econômica. Mas hesitam em adotar uma política decidida de estabilização porque sabem que os riscos contidos no seu principal ingrediente - a desindexação - podem ser altos.

As elites têm medo da estabilização. Empresários, líderes sindicais, políticos, altos burocratas desejam o controle da inflação. Sabem que a inflação é a causa direta mais importante da crise brasileira. Intuem que os custos da estabilização são menores do que os custos de continuar a empurrar com a barriga uma crise que condena o Brasil à estagnação econômica. Mas hesitam em adotar uma política decidida de estabilização porque sabem que os riscos contidos no seu principal ingrediente - a desindexação - podem ser altos.

Há duas causas fundamentais para o fracasso do Brasil em controlar e eliminar a inflação. De um lado, a ineficiência dos planos de estabilização, de outro, a falta de apoio político para o ajuste fiscal e a desindexação da economia. Em cada um dos 12 planos de estabilização tentados desde 1979, um ou outro motivo foi preponderante. Mas de alguma forma os dois sempre estiveram presentes.

É um equívoco, entretanto, pensar que por trás do motivo político está apenas a disputa entre trabalhadores e capitalistas para saber quem assumirá a maior parcela dos custos do ajuste. Estes sem dúvida existem, mas são bem menores do que os custos de postergar a estabilização. O custo líquido da estabilização é portanto muito pequeno hoje no Brasil. Elevado é o risco da estabilização, entendido "risco" como aquele custo que não pode ser avaliado. O que leva as classes dirigentes no Brasil a procurar postergar indefinidamente a estabilização é o risco envolvido em um processo de estabilização, muito mais do que o custo conhecido do ajuste. É por esta razão

que as elites brasileiras, retratadas no "Mapa das Elites" da *Carta Política* (25.10), ainda hoje, preferem uma estratégia gradualista de combate à inflação, embora todos saibam que só a desindexação geral da economia poderá levar à estabilização.

O custo líquido da estabilização é a diferença entre o custo do ajuste, em termos de maiores impostos, menores gastos do governo, desemprego, queda nos salários reais e redução das vendas e dos lucros, e o custo de conviver com uma inflação altíssima, que cria instabilidade, distorce a alocação de recursos, eleva os custos de transação, provoca a elevação da taxa de juros, inviabiliza os investimentos e o desenvolvimento econômico. O risco da estabilização é a parte desse custo que os agentes econômicos não conseguem medir.

Custos e riscos da estabilização variarão de caso para caso, de país para país, e dependerão do tipo de inflação. Conforme mostra a matriz de duas entradas abaixo, se tivermos uma inflação normal, baixa, típica de país desenvolvido, o custo da estabilização tenderá a ser alto e o risco baixo; se tivermos uma hiperinflação, o custo e o risco de estabilizá-la serão ambos pequenos; mas se a inflação for alta e inercial, se se tratar, portanto, de uma hiperinflação indexada, os custos líquidos serão baixos, mas os riscos altos.

Em uma inflação normal ou baixa os custos da estabilização serão elevados porque, em princípio, deverá tratar-se de uma inflação de demanda. A economia estará em plena expansão, os gastos excedendo a produção. Estabilizar, nestas condições, significa paralisar esse crescimento, reduzir a demanda, com custos elevados para todos. Os riscos, entretanto, são relativamente pequenos, já que os custos da recessão são mensuráveis, e que a estabilização não envolve mudanças estruturais da economia. A maioria das análises dos problemas políticos envolvidos na estabilização pressupõem este caso.

Nas hiperinflações, tanto os custos líquidos quanto os riscos de estabilizar são baixos. No limite estão próximos de zero, já que os custos e os riscos de suportar a hiperinflação são altíssimos. É por essa razão que as hiperinflações clássicas duram pouco.

Já no caso das inflações altas e inerciais, como é o caso da brasileira, os custos líquidos da estabilização são baixos não apenas porque as

distorções causadas pela inflação são muito altas, mas também porque a inflação inercial

ou indexada convive perfeitamente com a recessão, de forma que não é preciso interromper a expansão e causar desemprego que não existia para estabilizar. Os riscos da estabilização, entretanto, são elevados. Em primeiro lugar, porque a estabilização não pode ser gradual. Implica necessariamente em algum tipo de choque. Para as empresas e para os trabalhadores há o risco de serem pegos no contrapé. Para os políticos e burocratas, o risco de não dar certo. Em segundo lugar porque esse tipo de inflação é sintoma de uma crise estrutural - de uma crise do Estado - de forma que sua superação pode e deve implicar em mudança não apenas do regime de política econômica mas também da estrutura da economia. Setores inteiros perderão enquanto que outros ganharão, haverá provavelmente uma redistribuição funcional da renda importante.

A crise brasileira é essencialmente uma crise das elites. O governo dificilmente agirá enquanto não houver um mínimo de consenso entre elas, e esse consenso não existe. Nestas situações, conforme observou um amigo, países que têm elites de verdade assumem os riscos e fazem a hora; os que não têm esperam pela hiperinflação.